

Crystal Claro:

"Do you know your ABCs?" - Someone asked once or twice.

Você conhece o seu alfabeto? – Alguém me perguntou uma ou duas vezes.

“Mas é claro! Tive um problema quando era criança, mas voltei pra escolá e fui capaz de aprender.” Conteí a história que lembrava, a história que minha família contava... e a verdade?

Será que minha família sabia?

#Hospital - Part 2?

Tudo tava confuso. O médico sentou-se lá, estava com uma pessoa muito familiar, como se ele estivesse muito mais velho. Ou então, eu comecei a confundir as pessoas por outras que eu tinha conhecido, por que estava sem entender o por que estava lá. Algo me deram.

Comentaram como seus cabelos tinham mudado, como que eu achei que as coisas tinham ido, e aí eu senti um cheiro de código no ar.

No corredor do hospital, eu reconheci a porta. Já estive aqui nesse hospital. Fui daqui para outro quarto aqui... mas naquela vez estava cantando muito alto. Por que? Pra que? Como e que não me lembro de ter estado em hospitais dessa maneira? Quando foi aquilo? O que aconteceu?

A menina que entrou do meu lado pareceu ter sido raptada... ou tido estrupada por alguém. Ela saiu do quarto foi ao banheiro, no que voltei, Ela estava deitada "tranquila."

A cortina tinha sido fechada, os policiais no corredor não deixavam ninguém sair do quarto onde estavam. Li na parede sobre os direitos – mas por ali, direito ninguém tinha.

Ao mesmo tempo equipes de médicos e enfermeiros vieram falar comigo. Perguntaram sobre a família do meu namorado. Por que? De certa maneira, me parecia que eu estava drogada, e que estava falando era com eles. O que é que queriam de mim? Não sei.

Uma mulher veio me ver e perguntou se tava menstruada. Não tava mais. Os dias da menstruação tinham trocado tudo. Não eram mais regulares.

Um outro paciente entrou e foi levado ao banheiro. Dentro de lá, senti cheiro de xixi na minha blusa de frio.

Alguém começou a limpar o chão do corredor. O barulho era muito alto, e ao mesmo tempo outro paciente chegou e foi levado ao banheiro, e antes que ele pudesse falar algo, o barulho que escutava era de osso sendo quebrado. Ou gelo, quem sabe? O cara foi levado pra dentro do banheiro numa maca, e gritava. Gritava pedindo ajuda, por um médico, por mais de meia hora.

Eu gritava pedindo por um advogado. Por Alguém. Telefone? Local... Que número que eu conhecia? De onde trabalhava. O vidro na parede do quarto do fundo, era acima da minha altura. Já estive ali, e não

foram só uma ou duas vezes. Quantas e porque não me lembrava de tudo direito, não sei. Não tenho certeza da minha memória mais.

Com quem conversei? Com quem tinha trabalhado?

E você tem garantia que eu trabalhava numa empresa muito boa assim? Quem era que tava trabalhando lá? Tem certeza que eu fui viver no exterior? Qual era a história da minha vida...

Meu patrão era o Senhor Mark A. O. Tennis... e o resto da galera? Seus nomes começaram a se repetir no hospital psicológico em que fui parar. O detalhe é que muitas das coisas que acontecem na nossa vida passam por nós, sem podermos perceber.

Uma amiga tinha nome de flor... mas como dizia minha avó... tem flor que não se cheira.

A galera no corredor do hospital - pareciam todos contratados. E eram: pela direção do hospital.

E o hospital - era mesmo onde tinha estado da primeira vez? Ou por qual vez já era essa que passava por lá? Desta vez me lembrei como se estivesse lá a muito tempo atras. Tempo que tinha parecido como se fosse poucos dias atrás. Ou talvez essa fosse a lembrança que eu tinha.

Eram alguns dias de verão, e todos os verões tinham se misturado. Ao deitar no quarto que já me lembrava de ter estado por muitas vezes, ouvia na memória as vozes das pessoas que talvez me quizessem bem. Minha mãe, um ex-namorado, as notícias dizendo “deseje pelo melhor, mas prepare-se para o pior.”

Um homem que parecia um rapaz que um dia tinha sentado com ele por lá, estava com seu rosto vermelho. Com uma pomada cobrindo os seus cortes. Ele fazia comentários como se me contasse das outras vezes que eu estava lá, pensando que estava em qualquer outro lugar.

Ao chegar a hora de comer, um dos pacientes por lá então sugeriu, “você tem certeza que isso é comida?”

Nos primeiros dias lá não conseguia lembrar o nome de ninguém, muito pouco conseguia os ouvi-lo direito. Talvez estive lá outras vezes, pensando que estava em outro lugar, e a notícia pouco a pouco passou a ser que o que eu via, provavelmente não era o que estava a ver, e o que eu ouvia, provavelmente não era o que estava a acontecer.

Os pacientes começaram a me parecer - outra coisa. Sentavam perto de mim e faziam piadas como sobre o que tinham feito comigo antes. De certa maneira pareciam a repetir as minhas ações, como se tivessem comunicando comigo sobre as experiências que tínhamos passados juntos.

Alguém com um nome que parecia muito com o meu parecia contar para mim sobre a minha última estadia. Como eu sentava a espera de alguém, que nem sempre estava lá. Mesmo antes de chegar lá, os ajudantes do hospital anterior já tinham começado a me relembrar do que tinham feito, “45 minutos pra chegar lá... hahaha, estávamos a nos divertir, e ela lá no hospital...”

Antônio Número Ninguém Sabe – Chegou para mim e falou,

“Lembra daquela vez que você não escutava?” – Se gesticulou como se ele tivesse jogado algo no meu ouvido.

As mensagens nas revistas, nos filmes, e em tudo que lia começou a me contar uma história de terror que só Deus (ou o diretor do experimento) pra saber quanto tempo tem que isso tudo começou, qual o

propósito, e por onde vamos parar... pelo jeito da "brincadeira" me parece mais que meu "Attorney" ou "Láwyer" ou "Advogado" eh um "torneio" de ...?

Nada de bom.

Se eu pensava que a conversa era sobre maneiras de entender as pessoas, para podê-las ajudar. Era mesmo. Era uma maneira de entender a mim, e para poder ajudar a eles. Quem são eles, me perguntam... o cartão do hotel falava a "Elite."

Seu controle nao era simplismente do 1% da riqueza do país. Eles sabiam com quem trabalhar, e sabem a quem e como os treinar. Para mim, deram um pouco da Liberdade que sabem que deixará a orquídea crescer de um vaso pequeno para um vaso maior.

Minhas escolhas muitas vezes não foram as mais certas. Pelo que ouvi, na maior parte do tempo não eram. Porque eu fazia assim, ou porque fazia de maneira a ser tão teimosa, não sei. Eram o que eles diziam da personalidade de "defiant." Ou desafiador – a pessoa que tem resistência, como diziam um dos residentes médicos. Com ele as coisas tinham sido diferente, porém.

Era como se consciente ou inconscientemente eu sabia que era parte desses experimentos. Todos nós sabiamos. Muitos tinham ajudado de uma maneira ou de outra. E muitas foram as coisas que tinham descoberto e feito através de mim.

Era como se eu fosse o Computador processando a informação humana, o meu chip, porém era também "customized" para detectar tudo o que eles podiam medir em mim. Mas o conhecimento que geraram os fazia crescer, como tudo o que faziam, porque sabem do que fazem, e a mim e as minhas causas tinham permitido muito, mas a minha "ambição" era grande, e o meu poder, desde gerações antes da minha "limitado."

Desde esses dias não conseguia dormir direito, da Emergência do Hospital do CHA (ou da Aliança de Hospitais de Cambridge), fui pro hospital que lhe faça mais magra "MakeLean", ou McLean, com a escrita de origem fora do tradicional americano.

O hospital psicologico número 1 do mundo... no closet pude pegar umas roupas que tinham sido doadas. Coisas que pareciam minhas... que eu tinha deixado lá a muito tempo atras. O nome do médico era também uma pequena piada entre português e o inglês... meu médico... Dr. Estive M. Guspe.

Antes de chegar lá, me colocaram na ambulância. A mulher do EMS tentou explicar o que ia acontecer comigo, disse: As coisas vão ser assim, vai ficar um pouco frio, daí vai ficar um pouco quente, daí vai ficar frio... qual a ordem exata? Pelo meu conhecimento de sua voz, não terminava em algo bom. Eu estava pensando que estava morta.

"Entendeu?" – Um dos chefes perguntava.

Morri, vão me cremar, essa individua aqui trabalha como cremadora, e tem compaixão pelos mortos, tá tentando explicar pra eles como que eles imaginam ser a experiência de Alguém ao morrer. Right... (sarcasm included).

"Quase" – Era o nome de um dos amigos que tinham passado por minha vida. Ou "Kwasi," como sempre trocavam as palavras pra dizer que era de origem de algum outro lugar, e ai me passavam a perna, e me levavam a crer naquilo que eles queriam convencer, continuavam o seu "legado."

Eu não estava seguindo tudo que Ela falou... entra pro carro fica quente, sai de lá fica frio, depois fica quente... e entra no prédio...

Não. Ela não estava falando da experiência completa? Aqui? É só como isso tudo começou. Mas aqui, provavelmente nem era no McLean – provavelmente tenha sido a vila velha onde tinha crescido. Ou então estava minha “hard-drive” a pensar, a verificar como todas as coisas na linguagem tinham conexão, e depois de tantos anos, vinte-oito quem sabe, as conectei através da parada final.

Tudo indicava isso, mas isso – já tinham avisado, ensinado, não era coisa de Deus. Para o seu Deus, precisaríamos de um advogado, em inglês era o “Torney.” As suas regras eram claras – a vida é de Deus. Não Podemos tirá-la, sem pedir licença – a não ser que você fosse parte do torneio, e aí, competiria para ter a licença.

A votação era aberta, publicada na internet da mesma maneira que publicaram todas as outras informações. A caça era de animais – animais com os que seus experimentos já tinham passado muitas das informações que eles queriam.

Durante a noite - não dormia direito. Tinha náusea com cheiros estranhos, escutava músicas como as que estivessem no rádio nos últimos dias antes de ir parar no hospital, se eu tinha pensado que essa era a segunda vez que estivesse lá - me pareceu que já tinha estado lá por muitas mais vezes.

Iamos de carro de um lugar a outro, mas quem é que diz que estava dirigindo mesmo? Tava era viajando... sentávamos no carro, saímos e iamos em lugares diferentes... como e aonde? Qual era o segredo?

Quantas vezes estive no hospital? Perguntei no telefone a minha host... e Ela falou qual o seu sobrenome agora? Ao dormir, ainda escutava barulho de uma oficina... E o telefone, eram eles mesmo? Provavelmente sim, mas o que tinha acontecido? Qual era a história completa? Quais eram os detalhes do estudo que eles não tinham me contado?

Os dias antes de ir parar no hospital, de passar na polícia, de re-ver toda a essa história, me lembro que passei mais de cinco dias sem saber direito o que estava vivendo. E não era a primeira vez. Eu não sabia fazer conta dos dias, porque muitos dos meus dias tinham sido estudados.

Talvez na terça me senti drogada, o estômago ruim, olhei para o Jorge e ele olhou para o seu lado, como se estivesse Alguém lá e eu não pudesse ver mais nada.

Talvez eu tenha desmaiado. Mas aí talvez pela quarta-feira, me mostraram uma parte de mim. Meus lábios estavam roxos. O espelho era um vidro quebrado. Senti como se Alguém estivesse lá. Muitas pessoas, e eu com uma fita em volta do meu pescoço, ou da minha cintura... não importava aonde.

Tavam me machucando. Não tinha sido a primeira vez. As minhas sensações mas as conversas que tinham comigo me levavam a imaginar que estava em algum lugar, onde estive e o que passava mesmo, não tenho como garantir que esteve tudo bem.

Fiquei louca mesmo. Pelo que acredito ter feito comigo – por muito tempo nem conversava. Acho que passei a me comunicar como um animal, porque precisava tirar de dentro de mim meus pensamentos. Virei cadela, quem sabe gato, e na história dos doutores, eles contavam para os outros que tinham um animal novo de estimação.

Eu os escutava – e ao perguntar sobre esses detalhes, eles modificavam a realidade pra poder fazer sentido.

Mas como o Jorge me contou, muitos dos seus amigos em Maine, tinham costume de bater e machucar os outros até o ponto de desmaio. A pessoa não more não. É mais difícil. Mas para morrer, quem sabia havia um jogo pra ajudar as pessoas com gosto de desgosto.

Na memória, mais um pouco do relato da dor da minha mãe antes deu ir parar no hospital.

Meu namorado a acariciar, meu irmão mostrando a cena na tela do celular, qual irmão? Pelo que passei a entender até mesmo a quem estava chamando de família, não eram eles mesmo.

A minha cara, cheia de bulácha. A princesa era Isabel, tomo tanta pancada dos escravos que assinou a lei aurea, virou bolácha Mabel. Ao meu redor recebo notícias sobre tortura. O detalhe – como dizem, é que muitas vezes, quando esses “heróis” liberam qualquer coisa ou qualquer um – eles estão indo contra outros poderes. Os dos que mantem os escravos e que sabem os fazer por um contra o outro.

Que passou, minha família pensa que o pior já acabou. Eu só tenho uma certeza, só continuamos a rever muito do que passei. Se acabou?

"Ana Clara!" A expressão séria, "Cabeça vazia e a oficina do diabo -- " O que eu escutava era barulho de terror... e a pergunta era, qual que me assustava mais? Você pode até pensar que é esperta, e que não vai contar ao terrorista qual o barulho que te amedronta... mas uma coisa que você não sabe é como a linguagem é gerada... eles tem estudado isso.

Você pode não querer falar, mas seu corpo da a resposta. De muitas maneiras. Desde os seus batimentos cardiacos, a maneira como você reage, até os sons do seu organismo repetindo o som daquilo que pode lhe causar a morte.

É humano.

Da mesma maneira que quando animais na selva estão no cio, e um macho chega para as fecunda-lás, ao concluir, o som que as deixam grávidas, ele também deixa a marca de onde estão. As onças escutam. E Elas repetem o som para poder ir achar a origem do barulho.

Cadeia alimentar.

Já eu, tenho lembranças do que foi a minha vida, mas pelo que parece, o show de Truman se expandiu por muitos lugares, passou pelas imagens de muitas pessoas, e pausa-se na mão dos números 1.

Como é que eu conseguia dormir? Não conseguia. Ouvi barulho de bêbes chorando. A enfermeira balançava uma coleirinha do lado de fora do quarto, e eu como o cachorro que me seguia na rua depois de assuviar, seguia o som do chaveiro.

A enfermeira com a cara do meu namorado, de repente começou a me mostrar seus segredos... pegou seus óculos e me disse que eram leitores. Ao mexer os óculos olhou para o pessoal trabalhando no hospital.

Leitores... hummm. E o que estão lendo? Claro que não só a si mesmo... são como as aeromoças no avião. Estão lendo os passageiros. No hospital mental, lhe perguntam, e aí, do que é que te conforta? O que é que te ajuda a ficar de boa? Mas na oficina do diabo... não vão te perguntar o contrário, vão?

E eles são muito honestos. Te falam como as coisas vão ser, e mostram como eles não lhe causam a dor, você esta no controle fazendo as decisões que quer. Exceto, que, para cada casal no jogo, eles sabem como transformar o bem em mal – ou mau.

A esta altura do campeonato nem precisam aparecer para fazer o seu jogo. Da mesma maneira que controlam o computador por onde ja devem ler o que escrevo... controlam o ambiente. Tanto gasto nesse jogo, e ao mesmo tempo o mundo precisando de soluções reais.

Meus remédios eram "Pilhas" e um "Que Tinha Xixi." Nos relatos de onde tinha morado no ano anterior, estive em "Tem-(Pee), Arizona." Alguém no restaurante Libanês, me contou que tinha morado no endereço "10 Dois, na Zona do Ari (AriZona)" O número eh em inglês - vem antes do nome da rua, então ele morava em "TEN Dois-(xixi), na Zona do Ari." Mas quem era ele?

Conversa antiga que tive com alguém, sobre o lugar que ia. Talvez estive lá um ano antes e ai a informação no HD foi tirada de mim. Trocada. Era assim que o jogo continuava.

O que?

Você - pergunta. Então eles começam a história de novo.

Meu namorado, me buscou no hospital no dia dos namorados. Não fizemos nada.

Nosso amor Já tava bláh. Qual dia dos namorados estavamos nos falando? A galera do mal sabe como fazer pra confundir e como fazer pra não deixarem nada pra traz.

Ou provavelmente eu estive bláh, por tanta coisa que tem acontecido.

#Alguns dias antes da ultima viagem:

Trabalhando prestando atenção nas vozes. Como saber o que tinha me causado tanta dor.

O carro que tava na "polícia", tava era numa esquina, tinha sido levado para um "guincho."

As placas tinham sido tomadas.

Não era a primeira vez que isso acontecia. O rosto do meu Amado, tinha aparecido por outras faces.

Outros rostos que tinham parecido tao amigaveis, tao ajudantes poucos meses atras começar a aparecer como outro tipo de ator.

No trabalho... fiquei calada. E ai, o que Já tinham me contado a um ano atrás sobre o sistema do "Divisão do Carro" era que eu ia acabar saindo do sistema.

Foi então que eu comecei a realizar, como tudo que tinha vivido já estava nas mãos de outras pessoas...

A muito tempo atras. Eles reconheciam o potencial do novo psychokiller – e os ensinavam tudo que precisavam para que ele fosse o novo campeão. Como explicar o processo do que eles fazem, os deixam amar, e dai porque sabem o que acontece entre as pessoas, sabem como que vão se machucar. E sabem como que a dor – a dor de perder um amor – e provavelmente a droga mais ruim do mundo.

E contra tudo aquilo que vivemos para existir. Sobreviver. Continuar. Seguir em frente. Quando somos rejeitados, mas já fomos criados para ser cruéis, aí aprendemos outra lição... a do monstro dentro de nós.

Já fui rejeitada, já fui deixada pra trás, já fui traída e se brincar, traída de maneira em que me deixaram escutar a traição, e tal coisa gera uma coisa tão ruim dentro da gente, que a gente fica doido mesmo. Pelo que tinha entendido cheguei a cortar um quadro com uma faca, sentindo que meu “namorado” estava a me trair. Louquíssima.

Agora imagina o ser humano que tinha sido treinado pra lutar do lado da galera da dor? Quando lhes mostram a rejeição... o bicho... vira monstro, se era monstro... virará?

Seus criadores sabem como os treinar. E o que mandaram pra minha casa, pra minha cidade, pra minha família? Amostras.

Quem é que tinha feito aqueles Aplicativos que eu tava usando? Quem controlava meu software... e tudo nele... Pobrezinha da Ana Clara, foi ensinada por eles... e tinha potencial desde cedo. Mas tinha alguma coisa sobre ela que eles não gostavam.

“Ela pensa que é a melhor!” – Claramente nunca foi... perguntei o por que muitas vezes, e pelo que entendo, e simplesmente, para eles.

Os reis e as rainhas gostam mesmo do show. Você pode até os chamar de doentes... mas já estão acostumados, não é não?

As idéias poderiam ter sido minha - o como fazer, o recurso pra conectar aqueles que já sabem fazer o "Programa" e aqueles que "Montaram" os programas... foi tudo fundado por alguns indivíduos. E para eles - apesar da minha ajuda - eu era mais o tipo de "coisa" que "arruinava" os seus dias.

Na verdade, eles preferem dizer que eles querem arruinar o seu dia. Além dos aplicativos para "ajudar" o dia-a-dia de uns... eles têm os aplicativos que os ajudam a continuar sendo os melhores no seu ramo: Psicopatía.

Já em casa - pelo menos no apartamento em que acreditava morrer com meu Amado, Jorge programava seu jogo.

A visita a um amigo antigo antes de voltar pro apartamento, descobri do casamento de vários amigos...

O Gregório, estava a brincar num jogo de terror, onde o jogador tem que lutar para sair do esgoto.

Por qualquer motivo o que parecia natural, parecia normal, começou a parecer – surreal. De certa maneira passei a acreditar que não estava mais na realidade. Tava dando passeio na minha imaginação. Comecei a questionar – a luz, e o som... e todos os detalhes da experiência humana. Mas isso... foi uma das primeiras questões que eles tinham ao iniciar o processo de seus experimentos.

Atérrorizada com tudo em volta de mim, eu só conseguia tentar ficar quieta e escutar aos sons em volta de mim. Será que eu tô onde eu penso que tô? O que era tudo aquilo que estive escutando? O que eram aqueles cheiros? O que era aquelas experiências?

Me senti que estava num quarto, viajando... mas provavelmente estava drogada, e por fora das minhas paredes, Alguém tocava os sons que me lembrava do meu alfabeto. Qual era o som de cada letra,

perguntava a professora. E o que significava aquilo? Será que era só aprender a ler e a escrever? Por que é que agora, os sons que eu ouvia me falavam de dores.

Por algumas vezes passei por duas portas que pensei ser entre as entradas do prédio, mas o cheiro no ambiente parecia que estava numa granja.

Como é que o mundo estava fazendo sentido? O trem estava a minha direita mas eu o escutava como se estivesse a minha esquerda. No corredor ao lado, escutava um barulho de portão abrindo e fechando, como se estivesse na casa da minha vizinha. Muitas vezes fazia comentários sobre as coisas que tinham me contado, e as vozes no apartamento do lado riam.

Será então que estava no apartamento em casa ou será que estava no quarto onde era pra eu escapar, mas de lá as doses e os remédios que me davam me colocavam a viajar... a imaginar as horas e os dias, e o pouco contato que tinha, os lugares por onde ainda ia, começaram então a parecer que simplesmente eram as mesmas pessoas.

Na minha cabeça eu tinha qualquer experiência, por que tudo o que acontecia então já tinha se transformado em quem sabe o que.

Alguém me deu uma injeção na bunda enquanto eu estava a dormir. Dessa vez eu senti, pelo menos ao acordar.

A não ser que... como que você acorda com uma dor localizada... ? Me deram as “doenças” que tenho, muito tempo... e por que razão... para teste... e para...

Eu comecei a processar muitas das coisas que tinha escutado nos últimos... quem sabe quanto tempo antes... tenho sido alertada por cada pessoa que tem passado na minha vida.

Fui parar para averiguar as coisas que tinha feito. Estava atras do que o Jorge fazia, mas o que e que as coisas que eu tava fazendo estava falando sobre mim? Quem eram os amigos que eu tinha? Quem eram as pessoas que vieram parar na minha vida. Eles não eram amigos. A maioria não aparecia. A maioria não queria ouvir mais. Eles todos trabalhavam juntos. De uma maneira ou de outra.

Mas e claro, eu... estava perturbada. Sempre fui né.

Como que você tem garantia que a voz de Alguém no telefone, que a mensagem trocada, por texto ou voz e de quem você espera que seja... minhas mensagens trocavam dependendo do dia... um dia estavam lá, por outra hora não estavam mais... no que ouvia, no fundo da mensagem ouvia as vozes de quem estava por muito tempo a conversar comigo.

No Facebook um video mostrou sobre um diretor que pagou muito dinheiro pra poder contar a história de um punhado de cachorro -

Fizeram animações que para ser feita tiveram que criar massinhas para poder imitar todas as letras do alfabeto.

Você ve o cachorro falando "Scarlett Johanson" do mesmo jeito que esperaria de uma pessoa.

Mas quem é que a atriz era SJ... talvez a voz tinha dito “Scar, let Johan son – [in or out]”

E aí no seu FaceTime, Skype... você tá ouvindo a conversa da sua família?

No meu restaurante favorito, os dias de terça feira viraram a comédia dos "Andersons."

No restaurante trabalhava muita gente, e nos muitos anos que por lá vivi, as coisas que pareciam nunca mudar, mudaram-se então rapidamente.

Sobre o controle de quem? Da antiga família que estava lá? Da última vez que fui visitar, todos olharam para mim assustados. Suas conversas pareciam forçadas, como se estivessem ansiosos para que eu fosse embora.

Respondiam-me como se estivessem com algo no ouvido, escutando a nossa conversa, e lhes dizendo o que me falar.

Falei que estava a procurar um emprego.

A dona respondeu pra procurar o cara que trabalhava no Escritorio do Caixa, disse, "Sai."

Se a analise fosse linear - ou uma lingua só - o nome do cara seria Said?

Said em inglês, era, Dito.

Pelo que entendi - me deram as botas.

Ou seja - vá embora.

Rejeição é foda - sabia que por ali não devia ficar. Mas como sempre minha memória falhava... esquecia tudo e continuava a repetir. Era o jeito do meu cérebro tentar entender o que é que tinha feito sua falha. O HD contiuvava a procurar... repetia, repetia, repetia... e nada. A noite, os sonhos me contam. As vezes o Facebook fala de certas mensagens.

Entre procurar um emprego em Boston e ficar sofrendo do jeito que andei nos últimos tempos, era melhor ir pra casa. Mas ao chegar em casa, fui ver que tudo ao meu redor já tinha sido tomado também. Que provavelmente tudo isso tenha começado bem aqui. Até mesmo minha família já sabia... não falavam nada, só conversavam do jeito que eram permitidos...

Falei com uma "amiga" no telefone. Perguntei sobre como que certas drogas funcionam.

Ela falou, quando a dose "acaba" as pessoas vão pra casa né?

Então... fui?

Voltei. Pro Wake.

Em inglês, pro velório.

Com um A, estaria A-velorio, A-cordada.

Conversa com outro "amigo", falava sobre as coisas que começa a me dar arrepio.

O meu brother, falava sobre a fita, a filá, a linha na cozinha que te dava o corte entre ajudante e cozinheiro.

Nas conversas macabras, escutei sobre Alguém - ou pessoas acabando como peixe, ou qualquer outro animal.

Comida. Na TV – tudo já contava a muito tempo sobre os seus poderes, "Hell's Kitchen!"

Além do mas, no restaurante me falaram mais coisas que continuavam a completar a cena do que andei passando em casa.

Meu namorado tava programando um video-game.

As vezes no YouTube ele me mostrava videos com vozes de pessoas que me lembravam algo que não me deixava sentir bem. Detalhes, partes dos experimentos que tinham feito talvez.

Até mesmo os shows na televisão contava um pouco do que tinham feito. Sopa, sabão, comida de peixe. Coisa que não mistura, fariam misturar. Em casa os presentes, os detalhes das palavras ao meu redor... tudo ainda continuava a dizer torneio.

No bar, que antes me sentia uma regular, sentou-se dois rapazes.

O Max e o James: Um recebia os scripts (como o farmaceutico recebe a receita) e ai ele procurava atravez do mundo pelas animacoes para poder criar os videos que devia fazer, eram videos de experimentos. O outro era o vendedor. Vendia os videos que o Max fazia. Serve para a educação.

#Sexta-Feira, 3.23.2018

Saimos de Boston com rota a Fort Láuderdale.

O avião estava atrasado, e a essa altura do campeonato, eu já aprendi que não devia falar a não ser se eu fosse chamada na conversa. Estava escutando.

O Jorge falou pra eu não fazer perguntas.

Fomos deixados no terminal C. Em inglês, você - Ce - é traduzido para (see), ou sejá: vejá.

Lembra a muito tempo atras do nome do produto de limpeza, ainda e vejá.

Enquanto esperavamos na fila, me lembrei da última vez que tinha ficado naquela filá, esperando a hora de comprar a passagem, perdida do mesmo jeito que me sinto agora.

Desta vez estava lá com meu "escort" - em inglês, na "sláng" escort também significa prostituta "fina." Exceto que geralmente a escort é uma menina - dessa vez eu tava lá com meu namorado. Pelo menos é isso o que sempre pensei dos "rapazes" que passaram pela minha vida.

Ou quem sabe a ideia que tenho do Aeroporto é uma mistura das últimas vezes que passei por lá, como da última vez que eu tinha certeza que tinha voltado pra casa. A verdade? Não sei se sai daqui - se voltei - se sai e se voltei, quantas vezes fui que fiquei.

A primeira vez que viajei pro exterior foi através de um programa chamado "Au Pair," ou "Aos Pares..." tipo um grupo... tipo um médico e uma enfermeira, tipo um time... que faz o que?

As famílias são ricas, e fazem o que fizerem... os candidatos, trabalham pra eles cuidando das crianças... mas seus filhos... sao como os pais. Inteligentissimos.

O que comecei a questionar então, foi, como que tava tudo conectado. Os pares, os grupos, as memórias... eram coisa da minha imaginação? O audio, e o vídeo, as sensações que sentia, minha maneira de entender o mundo como um ser humano... To entendendo as coisas direito ou to viajando?

Quantas vezes? Não estive simplesmente viajando na minha cabeça pensando que estive por lá, voltei para cá, na história macabra - Já fui levada e trazida de volta quantas vezes foram precisas para o experimento dos médicos que tem me estudado a muiiiito tempo.

Dentro do apartamento ao dormir, eu via imagens – sangue derramado no piso, tanto sangue que dava pra ver pelo lado de baixo do forro, durante os dias anteriores, parecia uma marca pequena no forro da casa por onde eu tava. O Jorge mostrava e perguntava, você notou essa mancha aqui? Algo tinha escorrido do telhado pra baixo, o que era?

Você tem uma boa memória?

Já tinha dias que não dormia bem.

Naquela sexta de manhã, na data de aniversário de namoro, ou quando ainda me lembro ter conhecido meu Segundo namorado, dia 23 de março, como a antiga canção cantava, ele fez a pergunta que começaria o seu jogo, "E aí o que te assusta mais?"

Ou o que o ajudaria a montar os times do seu Campeonato.

De acordo com um artigo que eu tinha lido, em 48 horas - ou no meu caso 1 a duas semanas, era o tempo que eu passaria para responder. Quem sabe... quando você está viajando, seu relógio biológico funciona de maneira que pode ou não ser medida de acordo com o relógio atômico.

Eu já sabia que não tinha outra saída. O jeito era abraçar a “morte” ou o jogo, para poder ir a algum lugar. Minha vida nunca esteve sobre o meu controle. O outro video no YouTube mostrava a piada que as minhas decisões tinham sido esse tempo todo.

Porque? Eu perguntava.

Eu perguntei.

E eventualmente ele respondeu, "É para nos."

Ao chegar em casa, uma placava mostrava fazendas novas na região. Marco Polo era um novo, e era o fornecedor dos onibus, e o onibus ainda era “ParaUNA.”

Durante o dia, devo-o ter respondido.

Sobre todas as lembranças que tinha tido da minha vida, passei a realizar que talvez nada tinha sido como tinha pensado ter vivido.

Os nomes que conhecia, passaram a ser representações, traduções esquizitas entre o português, o inglês, ou qualquer outra língua.

O aeroporto estava diferente. Mas parecia a reconstrução da minha cabeça como se fosse uma coleção de memórias do aeroporto que tive antes. O vôo era pra sair as 5 da tarde.

Um outro “amigo” então me contou – como que as coisas funciona quando as pessoas estão sobre efeitos de drogas. Aquilo que não lembramos ou não faz sentido, nosso cérebro cria para podermos fazer sentido daquilo que vivemos.

O cara que parece com meu pai, facilmente poderia ser um ator que a muitos anos conversava comigo. A minha expectativa de estar com a família me levava a crer que o irmão do cara que já tinha abusado de mim era na verdade o meu irmão.

A pobre da minha mãe participava na brincadeira do mesmo jeito que eu. Sendo levada pra cidade do meu pai, drogada do mesmo jeito que eu, ou com uma poção diferente.

No Computador, as pessoas que conversavam comigo, poderiam simplesmente ser máquinas que tinham aprendido coisas sobre os personagens que existiam lá antes, e retornavam a conversa automaticamente.

A minha participação mostrava mais informações minhas.

Na conversa do Jorge com meu "host" diziam que eram 3 tarde. No ticket, o vôo já estava atrasado por 2 horas - saia só as 5. Entramos na fila, fomos separados, tudo muito rápido. Nem verificaram o passaporte e o ticket direito.

Dessa vez - pegamos a passagem. Ele me deu "cola." Que tipo de cola que fui dada - pode ter sido uma que ajudava a saber como que o roteiro dessa viagem ia ser - antigamente a droga famosa era de sapatéiro. Em inglês, he'd given me a "clue", not a "glue." Por outras horas penso que o que tenha me dito foi uma "Cue," ou uma fila. Fila de que?

O agente entre a entrada do aeroporto e o lugar terminal de onde o avião departe, se chamava "IGozi."

Pediram para tirar tudo de dentro da mala.

Sinto, sapato, coisas de dentro do bolsó. Perdi o anel que era da minha avó. Não era o primeiro que tinha perdido. Uma das personagens que aparecia nos lugares em que acreditava viajar de verdade contava a história dos anéis que ela tinha colhecionado: a família inteira.

Fomos para perto do portão de onde o avião sairia, e de lá, o Jorge continuou a compilar sua lista.

Ou a anotar sobre as coisas que tinham me assustado mais. Nomes?

Ele diziam por alguns e então continuava a digitar no seu computador portátil.

De certa maneira, ele me contou que estava baixando um Emulador. Um aplicativo que iria colocar alguns jogos que estava baixando.

Tudo que eu fazia, dava as respostas a pergunta que ele tinha feito naquele dia cedo.

E quando digo tudo que eu fazia, eu digo tudo: o marido e a Wi-Fi (wifey = mulher), os pares que tinham me assustado. E aí, como a gente dizia, a minha ficha começou a cair.

Parecia então que tudo que tinha vivido era projeção da minha imaginação. Meus professores e técnicos, a galera na faculdade onde estudei, a comida que comprava. Era como se todas as minhas escolhas mostrassem aquilo que queria e aquilo que não queria. Mas principalmente, para onde ia.

E o que eu não entendia, era como há muitos anos, tudo ao meu redor tinha contado a mesma história. E eu como minha mãe, seguia em frente, acreditando que isso era coisa do passado... agora tava tudo bem.

Está.

A minha família até conseguiu que eu pudesse voltar. Mas agora, pra poder ser concebido seus últimos desejos eles teriam que colaborar.

E no jogo deles, as respostas que dei, montavam os <brackets> dos jogadores do torneio do inferno. Eu ia dormir pensando que estava com ele, acordava e o que via era ele, mas a tempos, quem é que estava lá.

Como eu demorava a falar... o voo continuou a atrasar. E então, que jogo vamos baixar?

MSG Metal Solid Gear? Nope. MGS? Ainda hoje procuro outros significados atras dos acronyms. E o que me parece é que os pares viraram times de outro tamanho.

Na piada deles, o jogador era o Cobra. O cara tava na guerra em um pais, e tinham estágios para fazer, e tinham que ver quão esperto ele era... o som do piso mudava, tinham cameras e os soldados tinham as habilidades de um ser humano. Lembro desse jogo como se fosse algo que tivesse jogado a muiiito tempo atras.

As pessoas no aeroporto pareciam ter vindo uma com a outra, e dai do nada uma menininha sentou-se na minha frente, perguntei como era o nome dela... Ela respondeu em Inglês... e dai a conversa tava em Espanhol. Ela respondia. O olhar na cara dela, porém... Era de desdem.

Do tipo, deixe-me agir como se fosse só uma criança mas nem te conto o que vamos fazer com você.

A sua acompanhante, lhe dava informações... e as duas faziam as coisas fazer sentido.

A sensação de pessoas com microfones a escutar e dar a resposta que foram comandadas não tinha sumido.

O voo atrasou, o portão de embarque mudou, e ai conversamos sobre Outlets. Diziam que nos Estados Unidos, eram lugares onde as pessoas faziam compras. Lá para São Paulo, a rua era 25 de março, dia do aniversário do meu tio Jaime. Como que eu sabia sobre as coisas dos EUA?

Ou maneiras de sair... do jogo... bem, não e que chamamos nossas tomadas de saida... mas Assassinos são também maneiras de sairmos do jogo da vida né? A não ser que você escolha matar-se a si mesmo...

No teste do hospital, Já tinham decidido que a Ana Clara não faria suicidio... o jeito era hommus.

O homicidio na forma de comida, não? A massa do paté, era feita com “Chicken Peas” ou Xixi de Galinhas, Chick também pode ser gíria para dizer meninas.

No jogo, porém, deveríamos achar qual jogador teria a honra de conhecer o famosó Cobra, e quem o então levaria-o para Vitória.

Na batalha, onde o coitado do Cobra... não sabia para o que tinha sido programado a vida toda.

O vôo de Boston para Fort Láuderdale então chegou-se. Não me lembro de estar na filá, lembro de entrar no corredor, e de repente estava dentro do avião. Estava tão cansada que abaixei minha Cabeça na mesa quebrada em frente do meu acento.

Cochilei umas duas vezes e não consegui descansar. O vôo que deveria ser de umas 3 horas, pareceu que saiu de Boston as 8 (tres horas de atraso?) e chegou na Florida as 11. Ao chegar por lá, o proximo vôo Já

tinha saído, o operador, primeiro sugeriu que poderíamos comprar a estadia num hotel e que eles pagariam pelo problema.

Certo....

O Jorge primeiro brigou, depois pediu desculpas pelo jeito que estava agindo, discutiram possibilidades do que fazer... E eu sem saber o que fazer. Será que chego em casa? Ele agia, como eu tinha agido. O cara já minha conhecia a MUITOS anos, e o seu Ensino e seu estudo parecia ter sido bom, afinal de contas ele era o que tava vindo me trazer de volta.

Ele me deu mas uma "Cue" - "Cuh, eh?" - "Culheh? Muie?" Que outras coisas lhe parecem a mesma?

Qualquer coincidência entre as possíveis traduções de uma palavra em Português e outra em Inglês - ou espanhol, quem sabe até em outras linguas... talvez faça mais sentido porque me sinto tão confusa.

Ele falou para o atendente, estamos procurar como mais vamos poder fazer esse itinerário, precisamos de achar algo mais pra poder preencher o <brackets>, estamos aqui tentando achar algo para Ela, de dedos cruzados.

No que ele falou dos dedos cruzados eu pensei, porque estamos com o dedo cruzado? Eu to esperando as coisas aqui tranquila... e aí um barulho apareceu, Alguém começou a caminhar e se pos do nosso lado, ao sentir aquela presença, de repente observei que meus dedos estavam cruzados. Entende como são treinados e como treinam a gente?

A minha linguagem corporal continuou a mostrar como estava com medo. Daquela pessoa? Daquele lugar? De tudo que estava acontecendo... sim.

No Aeroporto a placa dizia: "Aqui é o final do arco-íris"

Certo. Meu nome? Era Iris? Qual era a verdade? Eu tinha pensado que tanta coisa me dizia sobre que meu era, e de repente, por quais motivos, comecei a entender as coisas de maneiras beeeem diferentes, da maneira que você talvez poderá entender através desse relato.

A verdade existe nos papéis daqueles que sabem o que fizeram, eu sei um pouco do que me lembro, e outro tanto pelas respostas e conversas que ainda tenho ao meu redor.

Nos arrumaram um taxista para levar de Fort Lauderdale para o Aeroporto de Miami. Já eram depois da meia noite.

#Sabado, 3.25.2018

O que era uma distância de 40 minutos, pareceu uma corrida de 15. Chegando lá, tinha uma ponte entre o Aeroporto e um prédio. Fomos deixados na porta e de lá, entramos pra dentro. O lugar estava frio. No balcão da Azul, os atêndentes falaram pra voltar pra lá depois das 4. Depois nos informaram que seria as 5, depois só abriram as 5:30 am.

Enquanto isso passava o Aeroporto estava com as luzes acesas. Um rapaz parecido com meu ex-marido sentava-se do lado de uma coluna, segurando uma cadeira de roda. Sentei-me no banco tentando me acalmar. As pessoas saíam e outras voltavam. O Aeroporto era bem grande, muita construção por todas as bandas, do lado do balcão da azul – tudo parado. Do outro lado do Aeroporto muita gente foi chegando.

Sentamos em frente de uma estação onde estava um rapaz empacotando as malas com um plástico filme azul. O Wake, sempre a provocar as minhas lembranças, começou a comentar coisas como as que eu já tinha observado a tempos atrás.

“Você já viu isso? Empacotarem as malas desse jeito?”

Minhas resposta em geral eram do tipo as que ele tinha me dado. Risada.

Uma, duas, tres, quatro pessoas passaram por lá – muitas, tantos volumes de mala, que do nada eu diria que talvez mais da metade do Aeroporto tinha gente esperando pra entrar pra area de embarque.

Todos eles com mala e mais mala, a maioria se não todas embaladas no filme plástico azul. Me lembrei da primeira vez que estava no Aeroporto de São Paulo, e de lá fiquei sem entender as bagagens emplásticas.

Ainda me sentia mal. Não sabia o que tinha. Sentia frio e sentia calor, sai pra fora onde achei uma tomada por Jorge conectar seu Computador. Me deitei no banco de fora e por lá observei as pessoas a passarem.

Muitas pessoas conversando em espanhol. Um senhor moreno me pareceu como um conhecido de muito tempo. Meu avô?

Assim que eu o via, eu me perguntava, se estava acordada ou se estava entre sonho e lembrança: provavelmente os dois.

Ele conversava com os outros homens, todos eles tentavam ajudar as pessoas a entrarem pra dentro do Aeroporto.

Ao mesmo tempo a minha memória me contava a história de um senhor, que esperava na rodoviária por um malote. Ele ia lá não sei quantos dias, ia e esperava, levava e buscava, até que um dia não importava o quanto ele tinha levado e buscado, o malote dele não voltou.

Seu passarinho azul tinha sido levado. Ele dizia que eu era o tico-tico do vovô. Como o Tico e o Teco, um dos chipmonkey dos desenhos animados. As memórias também contavam que ele tinha chorado, sofreu muito, e todos tinham chorado porque não sabiam o que tinha acontecido.

Nas fotografias da minha família, minha mãe não sabia tirar foto, minhas fotos de bebe eram partes de mim: os braços, as pernas, algumas fotos foram retratos. O scrapbook do Nascimento do nénem, nunca tinha sido completado. A perguntei porque, e Ela falou – nunca tive tempo. Mas eu tinha voltado pra casa, não voltei? Vivi a vida que pensei ter vivido, não vivi?

Ela respondia da maneira que a gente tinha criado pra se comunicar. Não não = sim.

De repente as palavras viraram substantivos próprios, nomes próprios das pessoas mais próximas. Os primos, os vizinhos, conhecidos, as associações se perderam pois o tamanho do mundo se tornou bem maior do que poderíamos pensar, mesmo se você tivesse nascido numa cidadezinha pequeninha em lugar nenhum do mundo.

Algo tinha acontecido com Ela, comigo, e com o resto da minha família também. Quem era então as pessoas que tinha chamado de família? Por agora, todos tinham vida, mas pareciam que como eu, tinham sido congelados.

Pelas mensagens de vozes que escutei no celular, me parecia que meu pai tinha sido pego de sequestro. Ele dizia, "Obrigada Ana" com uma voz com raiva. Como se Alguém tivesse o pego. Quando liguei para a madrastra, Ela não conseguia conversar comigo, não me olhava nos olhos, olhava para o seu celular e outra hora olhava pra mim, era como se só dizia que um "negócio" tinha sido feito.

Uma troca. Talvez ele tenha perdido mais da metade das coisas que tinha. Ninguém tinha me contado os detalhes, porque parte da troca, envolvia, eu e o elemento surpresa.

O Jorge entrou pra dentro do aeroporto pra ir ao banheiro, demorou por lá... e eu fiquei esperando lá fora. Passeando por entre minhas memórias.

Por fim pegamos a passagem que nos deixava ir pro portão de embarque.

Era pra entrar dentro de uma máquina que ia verificar se você ainda tinha alguma coisa em você.

Entrei, sai, perdida dentro dos meus pensamentos sobre o que estava acontecendo, sem acreditar que estava lá no aeroporto, sem saber se ia chegar em casa, tão perdida que deixei meu computador e uma mala pra tras. Ou talvez só um computador. Quem ira dizer de que vez estavamos falando sobre as coisas?

Voltei pra verificar sobre o computador - e ele estava dentro do cofre.

Incrivelmente, até sabiam de quem era. No topo do computador um pedaço de papel amarelo tinha meu nome escrito "Ana Gouveia."

Você parou para pensar como era interessante que no pouco tempo que deixei pra traz e voltei, eles sabiam que era "meu."

Será mesmo que estava no aeroporto? O que eu via, era aquilo que acreditava. Será que em verdade, não estava sobre o efeito de alguma coisa que me deram?

Atras do bilhete de passagem a mensagem dizia "EAT UP."

No meu tradutor mental pensei, "COMA."

Do mesmo jeito que quando Alguém esta em estado vegetativo... ou quando a gente ta pra morrer, mas ai fica entre a terra e o CEU.

No Centro de Emergência... UTI? Unidade de Tratamento Intensivo? Em inglês ICU - sóletrado, I. C(see) U(you).

Pensa num palhacinho indo atras de você, te chamando, e te dizendo - Estou te vendo.

Bonzo? Gonzo? Hoje é dia do circo - hoje Já e Terça Feira. As crianças tão saindo da escolá com o nariz vermelho.

A minha madrastra, ainda comenta que o nome do centro de tratamento no hospital mudou - que antigamente era chamado de XXX.

Parece até um jogo entre uma criança fugindo de Alguém - e terminando num lugar, que quem poderia garantir que é hospital.

Tem algum tempo que eu parei pra prestar atenção nas traduções entre inglês e português que eu sei.

Como se tentando entender, como e que o meu mundo, o mundo que eu entendo e respondo por - faz sentido entre eu e os outros em volta de mim.

Pelo que andei pensando, foi como se parte do "comer" fosse uma maneira de dizer sób a maneira em que gostaria de "morrer."

Abri um video no computador, e a história se repetia: a menina mais nova me chamava pra comer, eu voltava zangada, o barulho no quarto do lado era o namorado com a menina mais velha, no espelho o reflexo mostrava alguém. Eu fazendo barulho procurando o dono dele. Miau.

Por que? Na minha cabeça dou "replay" nas minhas memórias, como se minhas sinapses estivessem procurando pela sinopse do que levou a agir do jeito que estou agora.

E então, comecei a agir como a voz que me ensinou todas as coisas que você não gostara de ouvir, ver, ou entender. Mas você vai entender.

As pessoas conversam comigo com esperança, e eu ... as mostro que no mundo existe dois tipos de pessoas:

"As que acreditam, e as que fazem o mundo, e neste mundo, você pode pensar que existe um senhor - mas eu sou o teu senhor."

As que trabalham para o nosso senhor, lhe contará momento por momento sobre aquilo que você não entende.

Já ouviu dizer que as pessoas tem neurônios espelhos? Repetimos aquilo que o outro diz para podermos assimilá-los.

E então, nos mostramos para o outro, como e que eles estaram da próxima vez que nos encontrar.

Contamos para o outro através das nossas ações, como é que vamos fazer eles sentir.

E no nosso jogo favorito - o melhor, e na verdade o pior. :)

Adoramos atuar – nos fazemos de bobos, não sabemos da história que você conta.

Somos adoráveis, lhe pagamos pela pizza, e pelas estadias. Claro que pra você que vem de onde vêm, o seu muito é pouquissimo perto do que fazemos e perto do que podemos. Nós colocamos os óculos, e somos seu gala, sua enfermeira, é bem divertido fazer a história que você pensa que vive, mas nós a escrevemos. O seu namorado bonito, também gosta de fazer o papel da enfermeira, da mãe do outro namorado. Droga, cara. Droga, tem idéia do que faz com as pessoas? Nope.

A bolsinha dele viajar, seu kit de beleza, ele gosta de chamar do kit de Dope. Pra te dopar.

Estava muito cansada, por dias, não tinha dormido direito. Achei que estava com o meu namorado em casa, mas por dias não conseguia dormir.

Os pesadelos - ou sonhos, todos me faziam mal. Durante o dia, eu tentava dormir, tentava me acalmar. Mas nada adiantava a mensagem tinha sido clara.

As vozes que comecei a escutar, nas mensagens do meu celular todas não eram amigaveis.

No audio do meu celular agora, escuto atras da musica o som do Sistema de ventilação do hospital. Quem sabe se por algum tempo aquele era o som que me levava a imaginar indo embora.

O som que sempre me levava a imaginar que estava dentro de um avião, a caminho de casa. As outras sensações que completavam a experiência eram parte dos sistemas que eles colocavam em display pelos museus do mundo.

No meu celular, entre as conversas minha e de minha família...

Uma história sobre um gato sendo maltratado com alguma coisa no rabo.

Enquanto os animais estavam sendo maltratados outras vozes no fundo riam-se.

Quem estava por tras?

Todos tentaram achar um jeito de comunicar sobre o que acontecia.

Mas o pessoal no comando, sempre chegou por lá primeiro, sempre souberam sobre o que estava se passando mais rápido do que a gente podia imaginar.

Adoravam ver o quanto que certos "animais" sofriam. Imagina?

Existe? Existe. E pessoas assim - são provavelmente muito inteligente também.

Sabem que pra conquistar o seu coração, amor e afeição vão ajuda-los a trazer você para onde eles querem.

Pense sobre sua vida e sobre as histórias que você Já passou.

Quais são suas músicas favoritas de infância?

Qual e a origem de tal música?

E geralmente como é que vocês comem? Que horas são?

Tantas perguntas amigáveis - você se sente tão bem tratado, mas tá sendo mesmo?

Então, qual é a história da sua vida?

Poucos dias atrás tinha sentado no computador e escrito sobre a história que pensei que tinha vivido.

Resumo, e claro, falei sobre 9 anos que tinha vivido no exterior.

E parei para pensar - seráh?

No facebook - um video mostrava um homem mostrando uma latinha com alguma coisa pra uma menina,

Perguntava pra Ela assim: "Gosta disso daqui?"

"Gosto. Me da!" Ela dizia com o corpo tremendo, como se precisasse tanto do que tinha dentro do container, "Como Taih ne?"

Será? Cera? Que nem aquele tipo de coisa que a gente passava no pisó lá em casa? Tinha de tudo quanto e tipo de cor, vermelho, verde, azul...

E o negócio que faz o cabelo ficar bom? E cera? Cera-mida. Cera-mi-dah.

Sem querer, e como se a pessoa ta tão viciada no negócio que ta lá tremendo, pedindo pra receber mais daquilo que não lhe faz bem.

Deitei no chão do "aeroporto," daquele lugar que a gente fica antes de "voar."

Em inglês, quando as pessoas estão muito viciada numa coisa que ajuda elas a saírem da realidade, estão para ficar "high," pra voar, "alto."

O lugar parecia muito limpo, e bem cuidado. Estava vazio ainda, o que começou a aparecer foi outras pessoas que pareciam que era do bem, mas pareciam que estavam todos indo pro torneio do inferno. Será que aquelas pessoas que via como se fossem crianças eram mesmo crianças? E os cachorros? Eram animais ou era simplesmente um jeito de falar dos bichos que agiam mais como "capetas, tipo o cão."

Um rapaz, muito bonito, chegou e sentou-se do lado de mim e do meu namorado.

Me lembrava do meu pai. Estava no celular a me contar a sua história. Morava em Vitória, no ES, Brasil. Lá aos Estados Unidos de quatro em quatro meses. Trabalhava por lá.

Achei interessante que ele vendia granito, mármore, pedras...

Que tipo de pedras? Provavelmente do tipo que dá lucro fácil.

Porque é que o Brasil exportava tal coisa para os EUA?

A minha "host" ou a mulher que cuidava da casa onde eu morava, me ligou...

"Ana? Where are you?" - "Ana? Onde que você tá?"

"Ahm? Why do you ask?" - "Humm. Pq você pergunta?"

"We got an e-mail saying you've had an issue at the airport?" - "Recebemos um e-mail dizendo que você teve um problema no aeroporto."

"Disseram que o voo atrasou."

O voo que atrasou ou a dose do veneno que ficou pequena porque seu corpo começou a acostumar com aquilo que Alguém tem te dado?

Sabe aquele momento em que você começa a deixar de ser bobo, e começa a se questionar, como é que tal pessoa teve conhecimento sobre uma coisa ou outra pela qual elas nunca tiveram muita atenção? Aja mais dessa maneira: fale menos, escute mais, fale menos.

O homem conversava comigo do celular dele - eu pensando que falava com meu pai.

Ele era o ator que tinha sido o meu pai esse tempo todo.

Porque no mundo da tecnologia, onde os filmes são feitos do jeito que você vê, adulterar o sinal do áudio, ou do vídeo, ou dos dois... é bem fácil para aqueles que têm tido o controle sobre a internet - e praticamente tudo mais.

Eles conversavam e comentavam como um certo director tinha chegado. Estava lá em cima. Ele observava tudo. Ele dava o comando e a direção por aquilo que ia acontecer ou não. Por todo lado sentavam-se pessoas perto de mim que davam notícias sobre o filme que estava Rolando...

Uma mulher segurava uma menininha, um rapaz da galera do comando comentou, “Ela vai pirar na hora que ver eu jogando Ela dentro do tanque.” Outras pessoas faziam seus papéis, como eram pedidos e como eram permitidos.

Eu deitei no chão, me sentia tao zozza que não sabia o que fazer, tentava dormir, fugir da realidade.

Mas será que eu já não estava fora da realidade?

Quando comecei a pensar, imaginei, que estava num lugar muito ruim.

Que o pessoal que vinha e tomava conta faziam o trafico. Trafico de tudo que não prestava.

Eles conversavam comigo e achavam graça sobre aquilo que eu imaginava.

Como eu pensava que vivia no Jardim encantado, e como na verdade já tinha sido levada bem na época do Jardim de Infância. Quem sabe... a coitada da minha “mãe” pode ter sido tocada nas história do mesmo jeito que eu tive.

Na parede do banheiro, a informação falava como a máquina de secar os pulsos também os cortaria.

Se brincar, por tempo, as pessoas ao meu redor tentavam comentar sobre os detalhes de como eu estive reagindo, e eu não as entendia. Minha irmã esta de namorado novo, a mas ela ta depressiva e cortando aos seus pulsos. Até os shows na televisão passaram a contar histórias semelhantes.

A notícia sugeria números pra você ligar se você estivesse preocupada com alguma violência.

E ai, em qualquer lugar onde vivemos, será que os números que nos apresentam são daqueles que nos querem ajudar? Se eu pensava que tava passando por violência em casa – será que era mesmo? Ou será que Já tava passando por coisa pior a muito tempo atras?

Tava dando pra pagar o aluguel, não? Na giria, ou na “sláng” dando significa prostituindo.

Quem é o seu presidente? =D

Os presidentes desse país e do seu foram alterados de acordo com a votação oficial nos nossos softwares.

A verdade sobre suas ações contada por suas ações no Mercado financeiro – o cara de nome Mike era “soft.” O resto da galera – era maior que a “Micro-soft.”

Provavelmente da primeira vez que me levaram da minha família, meus conhecidos me deram instruções sobre as coisas que eu tinha que lembrar pra poderem os achar... marque o tênis, marque a sombra, marque isso... e todas essas coisas eles entendiam, e brincaram com esses detalhes pois sabiam que de nada valeria. Mas as lembranças da dor ficariam. E ficaram.

Muitas sucumbiram para as outras partições da minha memória. Lugares que não visito, a não ser com a ajuda de seus químicos, ou por noites onde meus pesadelos comandam. O que leva o pesadelo a vencer em vez de outras histórias – é em parte pela intenção humana de se proteger. Mas ao mesmo tempo, procuramos as respostas – sobre aquilo que nos causou a dor.

Da mesma maneira foram os seus prefeitos. Em Allston, do lado da silueta, ou da sombra, o bar da esquina lá, tem um mural pintado com todos os prefeitos da cidade de Boston. Seus rostos são familiares -

Você acha que tem uma boa memória? E então, o que aconteceu com a Segunda? Virou um filme no Netflix. De terror.

E aí voou?

Voei.

Antes de tomar o Segundo voo, lá no Aeroporto de Miami, não sabia o que fazer, então procurava algo pra comer – a fila pra entrar no avião tava grande e eu pensei que tinha tempo de entrar pra lá. Fui procurar uma loja pra comprar algo pra comer, e pedi por um pão que tava na vitrine, mas a mulher na recepção me falou que não estava disponível. Se brincar, estava lá no Aeroporto – mas a coisa toda já esteve paga. Imagina a pessoa que tem condição de por um show desse tamanho?

Ofereceu outra coisa, e eu sem entender em qual estágio do processo estava ouvi o Jorge me chamando.

“Ana estamos atrasados! Você quase fez a gente perder o voo.”

Algumas pessoas ainda estavam para entrar, e por lá a porta do elevador tava fechada. O Jorge me mostrava o que tinha feito da última vez que tinha passado por lá.

O voo atrasou, não conseguia achar alguma coisa pra comer, pq não sabia o que tenho comido. Virei vegana. Não era a primeira vez. Eles riem. Como eu ia entre um hábito e a tentativa de mudança.

Qual a diferença entre nos comendo um animal, e outro animal que nos comemos? Japoneses gostam de Sushi. Dizem que chinês come gato. A conversa entre eles mostram mais do que têm feito comigo por tanto tempo. Podem pra minha tia perguntar ao Jorge,

“E aí tem alguma coisa que você não come?”

Ele repete a mesma coisa que eu fiz, “Ahh.. I eat anything but no *nova palavra que ela criou em inglês*”

Era na verdade coisa aqui da região onde nasci. Em inglês, tinha virado a palavra que eu usava quando ia dizer que não era seletiva... ou não selecionava as coisas. Era humilde.

No filme "What happened to Monday?" o mundo é controlado por uma polícia de uma criança só - as pessoas comem ratos.

Cachorro... come a asa até com o osso. Quer um mundo mais digno? Quer escolher a "Eutanásia" - será que você tá escolhendo a polícia da morte com dignidade, ou você é só um experimento no vídeo de alguns? Vi um vídeo assim no YouTube. As vozes na conversa, me pareciam tão familiares.

O "homem" que queria morrer, tinha duas pessoas pra dar pra ele um remédio pra assim poder passar.

No experimento, ele não conseguia apertar o botão do aparelho, deixaram ele morder no negócio. Sua curiosidade o fez questionar os números na máquina: 15 minutos?

Por que estão com 45? A dose não tava dando a mesma viagem, né?

E a "eutanásia?" você tava na Ásia ou tava querendo morrer por "auxílio a morte?"

Não. Auxílio a morte - nesse experimento não tem. Na verdade, lugar nenhum - te garante a tal. No planeta em que "Ana" cresceu, a tua educação ira lhe ensinar como você ira.

No avião, ao passar pelos passageiros eles me pareciam como os participantes no torneio da morte.

A aeromoça parecia uma moça que eu considerava amiga, quem tinha ajudado a cuidar de mim e do meu avô, anos atras. Por qualquer motive, como a maioria das pessoas ao meu redor, ou talvez, como eu me sentia, era raiva. Esse até era o nome que deram pro advogado que me apresentaram.

A verdade do que aconteceu, acontecia, acontece ou que tem acontecido, me parecia que não gostavam de nós por qualquer razão que os fizeram se sentir pior. Olhava pra mim como o restante da tripulação, com cara de quem quer ajudar – te dão o papel pra limpar suas lágrimas, mas sabem que o melhor ainda esta para vir.

No café da manha ofereceram dois pratos com palavras que me davam enjoo. Tudo me fazia me sentir doente. Acredito que eu apesar das minhas falhas, não era doente como o mundo em que ainda vivo. Não conseguia comer nada. No almoço, tive que optar por algo, por que não tinha trazido algo. Mas os pratos falavam de cogumelos.

Antigamente – a conversava roláva sobre os “champgiones.” Ou os vencedores? Sim. Eles estavam no controle. Eu estava com a “passagem de volta” paga.

Ao comer, a aeromoça começou a contar o tempo. Na minha mente ele passava de maneira linear. Pra queles que observavam... viam outra coisa, mas o que é que eles viam?

Como se estivessem esperando pro efeito do “remédio” chegar – ou passar.

Pouco depois muitas pessoas começar a se levantar. Foram pra porta do banheiro, e estavam todas a me olhar. Como se esperassem anciosos por alguma coisa.

Dentro da cabine poucas luzes estavam acesas. Do meu lado uma família de Jápones constituia dos avós, uma mãe e uma menina de talvez dois anos.

Seu rostinho não dava a crer que era completamente asiática. O que as pediam, parecia-se com aquilo que minha família me pedia – me mostravam um outro neném perto de mim.

Um bebezinho loiro andando de minha. Ele era talvez mais novo do que eu.

E naquela noite, nos dois voavamos juntos. Ele era Jorge, e eu era Ana Clara. No avião, minha família eram 3 passageiros, o restante da galera, eram conhecidos de sua.

Seu tio se sentava mais atras. Dormia.

Sua avó se sentava mais por tras, tinha um colár que por muitos anos me lembrava de ver a “minha” avo usando. Trocavamos o conhecimento, me era you, you era I.

Mal eu sabia, como que o seu plano tinha ido e como eu tinha aprendido a lidar com o que tinha passado.

Por todos os seus testes, me criaram pra pensar que os que me cuidavam tinham sido a minha família, mas eram mesmo? Me visitaram muitas vezes, e me mostravam coisas que me dava uma ideia por qual caminho seguir na minha vida.

Em todo caso, foram eles que decidiram me adotar. Cresci chamando essa casa, e essa família de minha. Ao me trazer, lhes disseram aquilo que os “medicos” tinham passado, tinha que dar o remédio. Se ela não tomar, faça como nos damos o remédio para os cachorros. Ela quer viver, então, dê com a comida.

E os idiotas da família, ou caía na história de como estavam cuidando de mim, ou na verdade tirando de mim aquilo que era uma das minhas qualidades – como se fosse pra prevenir uma das doenças que eles achavam que eu tinha.

As senhoras, a mãe e a tia, sabiam que você precisa do cuidado – então escute o que os medicos disseram. Era isso, ou era então também parte do medo que lhes tinham passado.

Mandaram pra casa caixas. Caixas com lembranças. Comida da sua família. Era o que eles falavam pelo canto da boca. Na Caixa de isopor mandaram peixes, peixes pequenos, para fazerem chá... “chá de bêbes.”

Contei pro Jorge que quando era pequena umas das crianças nas fotos que tinha tirado na 7ª série, que eles eram meus bullies. Ele resolveu esclarecer ou contar mais uma, disse que “bully” era a carne do pinto dos bois, que fazem para virar gostinho de cachorro.

Na conversa deles, na hora do almoço me perguntavam se eu tinha comido o que tinham me servido. Comeu tomate? Comeu aquilo? E esse repolho? Comprou de que jeito? Comeu isso também? E comeu daqueles menorzinho também? Experimenta bem... esses pequeninhos assim vieram daqui de casa.

E quem eram eles? Como que aprendi Inglês... Foram missionaries também, sabiam como vender a palavra pra chegar na casa de qualquer um.

Na nossa igreja, moça, temos um rapaz que toca violão muito bem.

Na primeira vez que o vi tocando – me apaixonei novamente.

E atravez da vida tinha o seguido. Tudo no meu mundo me contava a história do que tinham comecado a muito tempo atras, e no que gostariam de fazer com os anos que fossem se passar. Mas a minha família real – era muito boba pra saber que eramos apenas peoes no jogo dos Tronos, e seu jogo favorito eram o do Chronos.

Assim ainda me parecia que tudo estava a me contar a história da minha família.

Quem eles eram. Para onde eles iam. Eu era tao pequena que mal sabia o que tinha acontecido.

Em algum ponto eles tinham sido se separado.

Foi como a lembranca do meu avo, esperando o malote na rodoviaria. Compramos a volta do neném. Compramos o tempo de vida. Ou o tempo para seus experimentos. E Parte do que faziam, era o que a AlQaeda fazia – tocavam o terror. Tocam.

A lembranca de uma mulher que se cuidava bem chegando na rodoviaria com um monte de pacote, e sua filha agarrada no seu quadril.

“Mamãe! Mamãe...” - todas as crianças chamavam.

Mas os meus. E aparentemente tive tres. Não os conheci. Por vez talvez tenha chorado, perguntando se o que segurava era ele – fizeram até musica. Fizeram música sobre minhas perguntas sobre seu corpo. Fizeram música dos gritos que dei. Fizeram música pra homenagear a cantora do inferno, eu mesma.

Minha mãe me contava da sua história. Como ficou grávida três vezes. Sem querer, como dizia o Freud, ela disse, “Fiquei feliz quando fiquei sabendo que você tava grávida.” Antes que eu pudesse a corrigir, ela se corrigiu, disse “quando fiquei grávida de você.” Mas ela só contou das vezes que teve os filhos, eu e meu irmão... mas ela teve um aborto também.

Da última vez que falei sobre isso, pensei que era um teste pra ver se eu era uma psicopata. Vi um feto, e entrei em pânico. E por algum motivo para ter atenção de um colega de trabalho o perguntei, “você sabe o que é um aborto de cabide?”

Nos lugares por onde morei, me traziam coisas que eram pra me lembrar dos lugares por onde estive. Na casa que pensei morar em Junho, a escova de dentes na janela – era minha. Diziam ter sido do Mike. Era do mesmo modelo do hospital psiquiátrico, por onde pensava ter estado por apenas 2 vezes. Mas por quantas vezes fui parar lá, com que identificação...

Nas conversas, e também por entre mensagens de texto, aparentemente me perguntavam sobre o dispositivo intra-uterino, mas diziam como se já tivesse sido retirado.

No livro de música contavam a história do que tinham feito ou no que poderiam fazer, de acordo com as escolhas.

Nas minhas memórias das noites de verão, me lembro da família falando que estavam a me machucar. Ouvia os gritos pedindo para me enterrar. Dias depois quando voltava de qualquer lugar onde estive, o meu Facebook mostrava notícias que eu achava engraçado e postava... uma delas era como se contasse que tinha sido enterrada enquanto viva.

Nas ligações e conversas com a “família” eles diziam palavras, perguntavam como não estava andando mais. Alguém tinha me alejado... daí fui entender: ou mostram a eles uma cena que os convence daquilo que conversam comigo, ou falo com outras pessoas que estão propondo aquilo que ainda podem fazer comigo.

A visitante no hospital, chegou e falou “O que você gosta de fazer? Eu gosto de correr... corro todos os dias.” A família do outro lado do mundo comentava como o povo era bom. Tinha gente na comunidade pra ajudar.

Mas aí, ao chegar em casa ao ver o filme na televisão, o áudio em inglês, o subtítulo em espanhol, as palavras não traduziam direitas por uma língua e outra. Comentaram do aleijado e do caixão. Não tinha vivido isso não, a não ser que era plano pro futuro, ou então era coisa da minha imaginação.

Ao visitar um amigo meses antes, ele me mostrou sua guitarra, o pacote tava no violão. Daí lembrei de conversas de anos atrás, o meu “host” perguntando, caixão, ou quer ser “cremada”?

Como é que é? Talvez tenham inventado a história sobre um filho que ele não tinha. Era a piada pra dizer que eu era a pedinte que ele tava criando, o filho de outra mãe. Sua filha mais velha não gostava de mim. Talvez tenha por alguns momentos, mas por outros, se sentia que eu a tratava como mais nova do que a idade mental que tinha.

Ficou com raiva de mim, talvez porque em algum momento, disse a ela coisas que as ofenderam. Mas provavelmente, se eles ainda foram as pessoas com quem pensei ter tido relacionamento por tantos anos, eles já sabiam de tudo que tinha vivido antes mesmo de ir pra lá. Por que até desses detalhes, as coisas foram perdidas ou misturadas no tempo.

No aeroporto de Miami, o que eu via eram muitas famílias passando, pessoas que trabalhavam e que tentaram fazer algo – e nada conseguiam fazer, pois outros as impediram. Em algum lugar. Ou quem sabe por muitas vezes.

No final das contas o resultado médico era controlado pelos doutores que me testaram – e detestaram-me. E eles já cuidavam de mim, e ensinavam a minha família a cuidar de mim da maneira que queriam.

As mães das pessoas perto de mim sempre diziam, deixa ela... deixa a Ana fazer aquilo que ela quer, por que sabiam que o voo de volta...

O outro voo não tava pronto. Não ia ficar pronto. Todos sabiam que ia ser assim. "Final Destination" Já contava a história da premonição.

E aí o que fazemos agora?

No estilo militar, o Jorge continuou seu estudo. Seu pai nos arrumou um quarto no hotel Marriott. Ao entrar no hotel o cheiro era familiar. Tudo muito bonito – como o Hotel California, você sabe que entra mas não sabe se sai.

O salão de beleza era mais salão de peão. Perguntei sobre a diferença para a host em algum momento. Os apelidos que davam para as pessoas da sua família, eram mais parecidos como eu as tinha chamado. Todas as cenas, eram registrados por mim e por quem mais assistia o canal do terror.

A minha memória, no entanto, apesar de boa, se tornou fraca. Fizeram comigo aquilo que tinham planejado. Me ensinaram como poderia entrar, me deram ideias de como iria voltar, mas em verdade, nunca se importaram com nada além de si próprios.

Digo, importaram. Importaram comigo, mas eu sempre errava, eu sempre entrava em problemas... por conta de mim mesma? Provavelmente não. Eu sempre fui a boba da corte. Eu tinha seguido aos seus conselhos, mas todos os conselhos que davam era pra levar as coisas por onde queriam que eu fosse, e eu, sozinha, não poderia jamais chegar aonde tinha chegado.

Eles ajudaram. Eles deram e eles também tomaram.

Ainda lembro do dia que a Ellen – minha host comentou sobre a diferença.

O restaurant era do pai do Ethan. O forno na minha casa também é – do Devil da Vilá.

Como nos gibis que li no hospital da última vez, contavam sobre a tortura, como a maneira de a fazer deles tinha mudado, como eram criativos, como eram bons mas também eram aberrações.

No hotel - ficamos no 8º andar.

Quarto 808. O quarto parecia exatamente aonde a mãe do Jorge tinha ficado na última vez que estávamos em Cambridge. Ele arrumou tudo para Ela, com maior cuidado. – para mim não foi. Comigo, o plano sempre foi outro. Eu era o animal de maltrato deles, como ele disse.

E a notícia corrida por todo o Brasil tinha sido a mesma. Governo já não existia, a escolha tinha sido eleitoral, as pessoas tavam com medo, trabalhando, tentando viver, e na pequena cidadezinha, as pessoas já estavam pagas, ou esperando o restante do pagamento pra poderem completarem suas missões no projeto.

No topo do granito a pergunta era “Frigobar.”

Freezer ou Barra?

Frigobar?

Ainda me lembro do meu ex-marido me contando de quando ia começar a trabalhar num supermercado de atacado. Ele tinha começado nas vendas, e daí abriram a oportunidade dele ir pro Freezer. Ele tinha que fazer um “bid.” Se ganhasse – ele podia até receber um aumento.

E recebeu. Poucos anos depois, mas ganhou bem, e até me parece ter conseguido sua própria loja de construção. Sua casa deve ter sido construída com o “Ramsón” que tinham obtido da minha. O que eu tinha entendido na época era o que estavam pedindo para poder me devolver a minha família.

A esta hora me parece que a conversa era sobre a memória de acesso ocasional – no Computador RAM. A alternative seria pra dizer que eu era apenas uma ovelha – a RAM. Acho que a minha levaram, ou nao processava bem, tinha apenas alguns bits.

Em Português, “You know whatta mean” sóa como se estivesse dizendo de um araminho. Arame?

Eu? Parecia que estava na mão do Alquemista que o tinha ensinado seus truques anos atras.

Frigobar?

Eu andava por esses supermercados sempre procurando o que é que não tinha entendido. O que é que eu estava procurando... o que é que estava por traz do reflexo do espelho? Era ele. Ele tinha estado lá.

Pensava – se o seu trabalho ia ser mais difícil porque não tinham o pago a mais?

Pois les estavam lhe ensinando como as pessoas são.

Especialmente quando uma “jovem” o conhece e quando juntos pensam que poderiam ter uma vida.

Mas como eram diferentes.

Ela era uma ovelhinha.

O pastor, como disse meu padrasto ... so precisava de uns bons cães para po-las pra dentro do curral.

No Frigobar do hotel... fiquei pensando... o que isso?

Quer algo bem gelado ou uma barra bem quente? Era o que eu entendia. Podia ser do contrário também. De qualquer jeito planejámos a morte de maneira que você não ira poder Evita-lá.

Ainda lembro como meu avô me ensinava nomes de cantores, como a maior cantora da Argentina, que era a maior inimiga do Brasil no futebol, mas a sua cantora famosa era a Eva Peron.

Minha melhor amiga, em Boston, era a que chamava de Yvette. Mas era a que eu devia evitar? Em espanhol, seu nome carinhoso era Evita.

No celular Ela ia por “Evie” – Parecia que eu estava a falar que “Eu vi” a Peron (cachorrone) não?

Mas muitas foram as minhas melhores amigas, né.

Muitos foram os meus namorados.

Muita gente do bem, não?

Do jeito que eu tinha gente que gostava de mim, o negócio era mais do que complicado.

Como o pessoal do onibus – Parauna - vencer, eles precisariam de um torneio. Uma maneira de saber quem iria ganhar.

Já no hotel, o Jorge queria sair para Jantar. Pediu a moça da recepção por opções de onde poderíamos ir.

Ela imprimiu uma lista com 18 lugares.

A descrição dos lugares me pareciam com palavras amigáveis e que iriam atrair pessoas por lá – os detalhes de onde íamos me lembrava de informações sobre a minha infância.

Um dos comentários sugeriu a rua “Delfina.”

Alongo das linhas da prostituição.

Como se uma moça de família tinha sido tirada da família, e levada para um lugar por onde tinham tirado vantagem dela.

O chefe, chegava por lá e perguntava pra Ela se o aluguel Já tava pago...

E aí, “Deu fina?”

Outras memórias ainda mais ruins circulavam minha memória.

A comemoração das garrafas, o quintal quebrado, o cimento e as pedras, e uma voz de criança falando pra mãe que tava no “Tulio.”

Tulio?

“Emtulho” lia o muro por onde passamos mais tarde. O lugar onde rejeitos de construção estavam acumulados. Como que os separavam e o que faziam com eles – ninguém sabia. O Jorge rangia os dentes, com a ação pra demonstrar que as comiam. De um jeito ou de outro. Na casa do meu padrasto, ele tinha entulho pra separar, parte ia ser reusado, o resto ia pro lixo.

Nos meus pesadelos de tudo foi mostrado.

Era assim que o torneio da morte aconteceria.

Primeiro, eles te ensinariam o alfabeto.

Você aprenderia os sons e aí... decidiria pra onde que ia.

Como os cientistas me contavam, quando algo nos incomoda, nossa memória vai tentar acessar a informação. Nas redes neurais porém, o que eu não sei, e como que o acesso vai de um lugar para outro.

Nos estudos dos médicos lá pra fora do país, eles contam como cada parte do organismo faz uma parte no processo. E da mesma maneira que colocamos as coisas pra funcionar assim – as redes sociais também funcionam. E elas não são necessariamente virtuais.

Naquela noite no hotel – meu cérebro tentou acessar alguns dos perigos que eles tinham me contado.

Já tinham dias, quem sabe anos por quanto eles procuravam saber quais das memórias tinham ficado dentro de mim com mais impacto.

Desde o nosso apartamento os sons que eu ouvia nem sempre pareciam vir da realidade onde estava, mas coisas da minha moria falhando, tentando acessar os sons do alfabeto.

Mas parece que eu parei no A e depois no B... Albert Já era Einstein.

Mas eu tive que continuar. Afinal das contas, não é fácil fazer Alguém morrer.

O detalhe é que na minha geração, o poder foi tomado pela galera que tocava o Terror.

Os sons variavam, e aí vai ser frita? Vai ser assada? Vai virar comida do Canibal Narcisístico como dizia uma das músicas de Rock.

Vai morrer de pedra...

Rock.

É.

A voz rouca me dizia.

O que é pedra no mundo das drogas, uma vez eu perguntei. Pensei que eu não tinha procurado – mas já tinham me achado.

Que nada – isso é coisa que você Já é – crack.

Mas o crack é o barulho que você faz quando o negócio te quebra.

E você vai ficar quebradinha.

A galera do Terror, se reuniu.

Com as redes sociais, com os chats de grupo, conversavam da vida da mãe, e da vida da filha.

Não gostavam nem da mãe, nem da filha, nem da tia.

Não tinha um de quem gostaram.

E aí, se reuniram pra poder fazer o que gostavam mais.

De volta No hotel – a noite foi como as outras pra traz.

Os sonhos me faziam gemer, suar, acordar com o coração disparado.

Olhei no relógio – e eram 2:02. O ultimo sonho que tive era por algum motivo assustador.

Tinha pensado nas coisas que tinham falado, nos jeitos que os serials killers tinham matado, no jeito em que tinham dividido o sabor da morte. Como o cozinheiro preparando a carne do frango pra ser assada. Apenas mais um alimento, mas um dia em que sobrevivemos, e essa aqui vira... resto de comida dos cachorros.

No sónho, o que no principio me parecia algo interessante... quanto mais olhei, mas eu conseguia ver...

E o porque algo como aquilo que tinha visto me levou a assustar, a acordar, a levar o meu coração batér tão forte por quase meia hora em seguida.

O quarto estava escuro. O Jorge deitado, perto de mim.

Já estava acostumada como ele se aproximava de mim toda vez que tinha medo.

Era como se sentisse o cheiro do meu medo. E quanto mais eu me assustava mais perto ele chegava.

Ele gostava de me deixar na “edge,” na ponta... como a expressão em inglês dizia.

Ao mesmo tempo que eu me sentia extremamente assustada, eu ouvia de longe como se uma máquina no quarto do lado estivesse medindo meus batimentos cardiacos.

Epa... essa dai o computer, computou a ação... e no jogo do engenheiro de eletricidade, ele gostava de computa-a-dor.

Ou computava a dor, ou ia ficar com uma puta dor.

E ao computar a dor, seus dados eram marcados, e daquela maneira a gente acharia quem seria o Rei dos Corações.

Ou do nó da garganta. Caso você não fosse obedecer as leis de Deus – mas a conversa já dizia, que esse mundo não era de alguém bom.

Como dizia o papel na frente do meu acento no avião. Relax. Peace. OUT.

Relaxa. Paz. PRA FORA.

Nas músicas do YouTube que eu ouvia pra me acalmar, eu ouvia uma voz dizendo, interrompendo meu sinal...

Bom, você não quis contar pra gente quando estava no hospital sobre aquilo que te faz mal, mas você sabe que a gente Já sabe né?

De agora pra frente, você não vai ter mais nada daquilo.

Aqui estão as nossas favoritas –

Na nossa lista acabou-se o:

Descanço, Banhos quentes, blá blá blá blá... imagine tudo aquilo que te ajuda a te acalmar.

E quando vierem te oferecer água da proxima vez, vai ser como da última... água...

O tal do Jorge, era tão bom ator – que passava como se não falasse português. Soltou uma e eu observei, como já tinha aprendido tudo isso bem antes. Todos eles já sabiam muito, desde bem pequenos, mas nos seus jogos, eles não revelavam as cartas que tinham, pois era assim que eles tomavam o restante.

E comigo – o jogo era fácil. Tentei resistir – mas de acordo com eles eu era tão fraca quanto a minha mente.

Não será?

Por que o nosso calor amoroso... bom isso é para nós.

Para você: só, o nosso gelo.

O que lhe mostramos: 11 minutos nos seus sonhos eram 4 horas do que viveremos. Ou o verbo era em inglês – sua conjugação: indefinida.

Talvez nenhuma dessas coisas aconteceram. Mas os seus sons me fizeram ver e ouvir e achar a resposta que eles estavam procurando.

O Jorge já achou muitas das suas respostas. O jogo deu Game Over.

Agora essa conversa o deu fome.

Eu viro pro lado e vejo o seu jogo mostrando os caracteres que vão aparecer no jogo – o líder, virou água #naoseipqescrevidepoisdo- (e assim surgiu a hashtag)

Todos os sinais mostravam que ainda não tinha saído do campo de concentração.

Por todos os lugares ainda penso que estou com minha família.

Mas isso, parecia que era uma operação dos Policiais Negros.

Saimos e demos uma volta como se estivessemos no Brasil –

Ao voltar, me senti cansada como por toda vez que a gente sai.

Minha vida não esteve em minhas mãos.

Dormi no Táxi. A carona, caríssima...

O preço da saída, tão cara quanto o hotel.

Como que viverei por aqui? Como que viverei por lá? Sei que do jeito que vou em lugar nenhum poderemos fazer algo.

Esta tudo tomado. Tudo na mão deles. A tanto tempo!!! E eu levava com humor. Mas apesar do humor, a única garantia que tínhamos era que na Guerra as pessoas não simplesmente vivem com humor – certamente com terror.

E no jogo... onde todos se sentam pra ver as pessoas lutarem contra o touro, na arena, ninguém entra.

Os corajosos vão... mas se jogam o seu primo ou seu irmão, ninguém tem coragem de ir lá buscar.

A tal da Ana Clara – foi lá sozinha. Tomou o avião encontrou com gente que conhecia na internet, e de um aeroporto chegou nos Estados Unidos? E quando chegou? E por onde ficou? Ela contava o que lembrava, mas como o restante da sua história... os fatos pertencem a eles...

O poder tá na mão daqueles no poder.

O mundo não mudou.

De roma pra cá – eles tem o recursó que precisam.

#Domingo, 3.25.2018

Chegamos em Goiania. Meu pai apareceu. Ou talvez tenha sido o rapaz que parecia com ele no Aeroporto. Todos que representavam minha família, eram talvez outras pessoas. Minha mãe, quem sabe era mais real. Tudo que eles faziam eram ainda familiar.

Exceto que os códigos nas paredes, e nos remédios e em tudo em volta de nos, lia-se, com aquilo que eu não entendia. Então, estou em outro lugar ou sobre algum efeito? Realizei que como de antes – nada tinha em comum com eles. Tentei ajudar, tentei ser uma parte da vida deles, mas as conversas mostravam que eu era simplesmente um malote – que Já tinha vindo pago. Perguntei sobre uma das conversas que tinha tido com meu pai.

Ele falou que não podia pagar – minha passagem. Esse homem ai não tem limite não. Ce Ja usou nos pisó da casa dele tudo, ta vendo o caixão ai não?

Quem? – Pensei eu.

Procurei saber do que falava... mas naquele ponto tava tudo misturado na cabeça.

Outra hora, tinha passado de novo na casa dos host pra perguntar se sabiam de alguma coisa – eles se pareciam surpresos, como se esperando pela mãe pra dar a resposta.

Continuava a procurar nas conversas com minha familia.

Tendo consciência de como as coisas no meu celulares podiam ser controladas, vi mensagens, e mais mensagens mostrando como as pessoas que eu tinha confiado no passado, provavelmente estavam por tras do que provavelmente tinham feito comigo. E a verdade?

Entre as coisas que sentia – a noção era de que devia ir embora pra casa.

Mas e aí com quem conversava... mais mensagens começaram a aparecer nas diversas telas por onde interagia, como se contando que minhas ações tinham tido impacto na minha família.

Alguém falou como meu pai, “e aí tem carro pra vender?” a resposta como a dele.

Nas mensagens a resposta contavam como ele ficou sentido comigo por ter comentado de sua vida.

A risada no som do carro e da mulher que me odiava mais talvez. Ela ja tinha conhecimento sobre tudo. Falsa como nota de dois reais provavelmente ja veio de familia de quem tava nos negocios tudo em que me envolveram.

Ate na folhinha da igreja, ja li sobre ela.

Perguntei ao meu “pai” se podia me buscar no Aeroporto antes do carnaval, e ele disse que não podia... que estava indo pro “Rio das Mortes.”

Perguntei a ele, o que era aquela mensagem. E repeti para ele o que a minha madrastra dizia, “epoca de carnaval, so vai pra la um monte de homem... e o resto é carnaval.”

Falaram pra mim ate como tinham procurado justiça, mas que a justiça ia como sempre esteve estar na maos deles. Deram tudo de mão aberta, porque sabiam como é que as coisas iam rolar com o tempo: pra começo de história, dizemos hoje.

Como voltei, e como meus extratos do banco ja sumiram... pelo tempo que já passou desde que eu possa achar as informações que demonstrariam como eles tomaram conta de tudo.

Ao chegar em casa, perguntei de novo sobre a conversa do caixão...

O motorista da minha mãe respondeu a conversa – falando que ainda não era a hora.

Ele sentado assistindo televisao, nem se mexia. Simplesmente olhava pra tela. Seus olhos vermelhos.

No caminho de volta, ele atendeu o seu telefone. Falou sobre o peixe que ele tinha pego, e como que tinha o cozido.

Ao escrever, vejo como as coisas ainda parecem estar ligadas. Eles entram e voltam, e tudo ao meu redor, continua a seguir da maneira que eu escrevo os detalhes aqui. Meu irmão entrou no quarto agora, sua camisa dizia “Brutal Kill.” Deixou as coisas aqui a pedido da nossa mãe. Incluindo eu.

Ninguém, da minha família – pra contar o que estava acontecendo. Era pra eu lidar com a situação. Fui na casa do meu pai, e de lá viemos pra casa da minha tia.

Depois de descermos, sai lá fora e avistei um caminhão. Perguntei de quem era.

Ela tentou explicar – talvez seguindo a ordem talvez sem poder falar, comunicando da maneira que podia.

E do homem ai. Ela apontou na direção do vizinho. Fui entender – minha tia doente. Toma 8 vacinas, no period de um ano. Cada vacina o preço de uma casa por aqui no Brasil. Os vizinhos...

Nesse dia – ainda ouvia os caes a látir. Meu irmão entrou em casa e meu padrasto também. Comentaram como um dos cachorroes tinham chegado por lá <pensei: pro torneio>. Na hora que chegou por lá, até os outros cachorros saíram do rumo.

Veio no Moto-Taxi.

Aquele ponto me parecia que talvez tivesse chegado em casa. As conversas que tinham ao meu redor... me pareciam que eram também mandados. Perguntei a minha tia, qual era a situação, e Ela me explicou...

E que o negócio ai na cidade... a noticia... e que nos temos que fazer um sacrificio.

Eu fiz o pedido, que se fosse pra levar, que leva isso daqui de casa.

Jorge ria. Seu jogo: sem falhas.

#Segunda-Feira, 3.26.2018

Tentei dormir. Acordamos, tocamos violão. Tentei lhe mostrar um pouco da cidade.

Não sabia para que o fazia tal coisa. Eu Já sabia do que tava pra acontecer.

Ela Já esteve aqui. Talvez se lembre. Talvez não.

Ele sempre esteve na frente.

Teve tudo do começo a fim. Preocupação, do jeito que eu já tive, do jeito que causaram a minha mãe? Nada.

E mesmo que eu tivesse sido garantida parte de oportunidades, quase todas garantidas por seus familiares, era sempre parte do seu jogo.

Sempre deram.

Deram tempo.

Pra poder entender.

Como e que eles jogavam.

O jogo da vida.

Todos os dias desde então, talvez tenha descansado. Mas a maior parte do tempo me sento na cama. Pensando... como que posso cuidar da minha família. Depois de tudo que passou. Como que eles podem cuidar de mim? Como que posso ir pra frente? Sinto falta deles, mas eles nem os conheço direito? Estando tao atrapalhada como tenho estado por tanto tempo... o que é que tem acontecido...

#Terça-Feira, 3.27.2018

Chamei minha mãe para conversar comigo.

Dessa vez Ela não quis falar. Disse que Já não aguentava mais a tortura.

Falei pra Ela que a tortura não tinha começado ainda.

Estava enganada. Ela já tinha passado por tudo isso. E mais. É como dizem, o brilho... tá lá com eles que tão rindo por tudo que fizeram e conseguiram. São campeões.

A esse ponto Ela nem quis voltar pra falar comigo.

Me disse que do jeito que sao essas coisas estou sozinha.

Ela saiu. Foi fazer qualquer coisa que Ela precisa fazer.

Eu - estou sozinha.

De longe escuto o Jorge a conversar com a minha Tia.

Minha mãe sentada tentando falar com eles.

Como eles se entendem... nunca parei pra observar, porque como sempre quando volto fico Perdida entre os mundos... procurando no tempo pelas respostas sobre aquilo onde meu HD não consegue achar respostas, mas a memória de longo prazo tem mostrado pouco a pouco, informações que talvez como os dados que aqui agora tenho deixado possam contar sobre o que realmente tenho passado.

Hoje mais cedo estávamos na praça, e um homem sentado lá, virou pra mim e perguntou, "essa é sua mãe?"

Como todas as vezes que as pessoas me fazem esse tipo de pergunta,

Eu também me pergunto, será que o que vejo, é aquilo que representa realidade?

Como é que um pedaço de papel da garantia pra gente sobre aquilo que pensamos?

Minha tia se parece mais com uma mulher que estava no hospital psiquiátrico.

Lá em Boston – as áreas no mapa ainda eram chamadas de Ward.

E as conversas que tinha sobre meu ex-marido, parecem que estavam mais a contar sobre o que iam fazer comigo, ou fizeram.

#Quarta-Feira, 3.28.2018

Ao encerrar parte do que me lembro até o domingo – você sabe que o jogo Já estava quase terminado de ser pronto.

Acordei no meio da noite. A sensação é que ele Já tinha voltado. Pegou tudo e encerrou o seu jogo por lá, pra receber tudo que podia e mais de nós.

Por aqui, Alguém sentava no meu quarto. Esperando a hora que eu acordasse de novo. Sentia a presença de Alguém que não via.

Me lembrei de como somos ingênuos. Conhecemos Alguém na rua, “nos apaixonamos,” os trazemos pra casa, como os cachorros perdidos na rua, sem reconhecer que são os cachorros do faraó. Minha tia me avisou que o cachorrinho que trouxe, achando que era bonitinho de ter, Já tinha dona.

Meu ele nunca foi. Meu ele nunca será. Ele mesmo comentou.

O vizinho, voltava a trabalhar – de longe o barulho pareciam gritos. Alguém gritando de dor. Um cavalo. Disseram que tava na casinha lá fora. Tavam esperando alguém pra cortar os galhos da árvore. E como um dos remédios que tinham me dado, como meu médico me disse... era tranquilizante de cavalo.

E eu quando perguntava aos meus “amigos” sobre drogas que tinham feito – acho que não me contavam das drogas que eles tinham tomado, mas de coisas que tinham feito comigo. Contavam da história de quando foram a Inglaterra – do elevador subindo e descendo. Outra “amiga” falava que típico por lá era Ketamina. Em Português, parece mesmo que o que davam era algo pra “quietar” a “mina.”

Ao procurar o Google – as respostas contam detalhes sobre tal droga:

”Ele pode ser fumado se o pó for misturado a maconha ou cigarro. O pó de ketamina pode também ser misturado a água e injetado num músculo (mas nunca numa veia). K pode vir também na forma de pílulas.”

Os gritos... ou o barulho na casa do vizinho parecem com um galo cocorejando as 15:42 da tarde... além dos gritos parece uma menina gritando... “O que e que é isso mãe! Que e que é isso!!!!!!!!!!!!”

“Os efeitos duram de 45 minutos a uma hora e meia, se cheirado e até 3 horas se injetado ou engolido.

Os efeitos colaterais do K incluem tontura, náuseas, vômitos (perigoso pois você pode engasgar no seu vômito se você desmaiou), se sentir desorientado, visão embaçada e fala embolada.

Uma dose grande o suficiente pode te tirar a noção do que está em volta e de si mesmo. Isto é conhecido como ‘K hole’ (quêi-rôul) e dura até uma hora e meia.”

A pergunta sobre a dose suficiente também pode ser traduzida pra “qual buraco?” nas casas de prostituição... pensa em algo para dar pras moças trabalhando por lá?

Usar ketamina por um longo prazo pode causar ansiedade, depressão, pensamentos em suicídio ou perda de memória.

Ketamina com outras drogas

Depressores (‘relaxadores’ como [álcool](#), [GHB/GBL](#), Valium, barbitúricos) - como o K e outros depressores reduzem as funções do corpo, o efeito combinado pode te deixar inconsciente e/ou reduzir sua respiração para níveis perigosos.

Coquetel anti-HIV - alguns deles, especialmente os inibidores de protease, podem aumentar o nível de ketamina no seu corpo.

Cigarro/maconha - fumar cigarros ou baseados trazem o risco de fogo (se K te deixar incapaz de se mover) ou queimaduras (se o efeito anestésico te impede de sentir uma queimadura).

Os comentários na página de informação das drogas, comentam sobre detalhes de usuários cheirando a droga pura. Falam de uma bullet – como o liquidificador mágico que Jorge tinha lá em casa. Pedem pra pedir na banca do jornal, uma dessas pra rapé. Como se rape fosse o pozinho que a minha avó cheirava... antigamente o que poderia ter sido so fumo... a tradução do rapé em inglês, é bullet pra estrupo mesmo.

Minha “miga” veio me visitar. O Jorge perguntou – essa é sua amiga?

Perguntam e questionam, como eu, e me ajudam a continuar questionando.

Só eles sabem quem que eles conhecem, onde é que estamos e quanto tempo temos estado por onde é que eles nos tem levado.

Na jogada, continuamos a jogar o papel do mesmo jeito que eles decidiram – a muito tempo atrás.

Todos na esperança de moverem pra um lugar melhor –

Todos na esperança de poder chegar perto e também poderem contribuir pra aquilo que não será o seu sucesso.

Enquanto eu dou volta na cidade realizo que tem tanto por aqui que não posso fazer pelas pessoas. Pois o trabalho que queria fazer Já tem outros fazendo – e quando as pessoas tem seus cargos, Elas não gostam de ser tiradas de suas posições.

As ingênuas das Gouveias – acreditavam no amor.

Acreditavam na amizade. Acreditavam no trabalho junto. Acreditavam em sua cidade.

No mundo da Inovação e Empreendimento – eu pensava que poderia procurar por oportunidades de fazer as coisas melhor.

Ao visitar minha tia com esclerose múltipla realizo que aqui na cidadezinha – nunca fomos ninguém.

Apenas uma parte do que outros Já tinham construído e eram donos a muito tempo atrás.

Na nossa novela – estamos tão longe daquilo que se diz o poder no país.

Mas o poder no país controla tudo – a nossa saúde, as nossas vidas.

Não temos investimentos em coisas reais, além do Real.

Não temos hospitais suficientes, ou recursos humanos suficientes, não temos nem gente suficiente, nas prateleiras das lojas, a maioria dos produtos parecem se sentar por lá por muito tempo.

A minha tia – espera por vacinas. Quantos anos Ela batalha contra a sua doença não se sabe. Cada vacina é feita por pessoas de quem “morei” junto. Mas o custo –

E maior do que o que poderia ajudar a Ela e a outros que ainda estão a sofrer. O “governo” paga. Mas quem é o governo? E como é que o governo distribui os seus ganhos... O país tem crescido. Tudo vai pra frente, eu sinceramente sou como a Dilma – fui tomada pelo Temer, pra dizer que não foi um Rock, ou uma pedra mais clara por onde me tiraram o resto de tudo por que sempre lutei.

E a justiça: linha vermelha – que vai pra Harvard – te vendem o sonho, você passa pra família que banca, até que o chefão chega aí pra quebrar o banco.

E ainda chamam a gente de sem coração... de certo porque fomos treinado pra levar os sustos que nos passaram... mas venceram... e vão continuar conquistando, porque o que sabem fazer de melhor é vender.

#Quinta-Feira, 3.29.2018

Estava deitada. O Jorge chegou e ficou por cima de mim fazendo carinho. Minha tia observando. Deslumbrada. O rapaz é bonito né. Ele sorri. Eu fiquei lá como o cachorro da Fazenda que conhece os indivíduo que maltrata eles.

Já viu o filme? Chamam o cachorro com carinho... daí batem nele, e o cachorro com o tempo aprende que tal pessoa não te quer bem não. As bobas da família acham que é amor: é desilusão.

A cachorra aqui, sai e procura fazer algo que deixe seus instintos mais calmos, pois sabe que depois que alisam, algo bom não vem não... a reação é de instinto animal.

A minha foi de fingir a bater nele... só de sugerir estar reagindo com violência, ele gritou como se eu tivesse feito algo. O jeito que a conversa vai, é o jeito que eles jogam, não é não?

Dai sai da cena... aí agora estou indo... e age como eu agi... exceto que ele foi embora. Talvez. Quem sabe, se esta aqui, ou se foi, por onde chegou... eles controlam o mundo digital... e o real também.

Antes dele sair da cena chamaram o rapaz que tem dado carona pra minha mãe por muitos anos. Sentei no banco de trás, e o Jorge como sabia como parte do plano ia... eu ia atrás, abriu o espelho do banco de passageiro, no carro do taxista.

O adesivo era “customizado,” tinham palavras escritas no aviso, mas bem diferente do adesivo no carro da mesma marca do meu padrasto... o símbolo de número 1 tava lá, ele levantou o seu dedo, e seu gesto apontou para o seu olho, em inglês, o número 1, olho = eye = I - him. Como dizia sua camisa.

A história do tênis, como se fosse a lembrança de algum momento que a família gritava falando pra marcar o tênis, o que era Kede, ou cade, virou New Balance (NB), e o tênis que ele quase deixou, pra contar a história terrível da Círcela, era que o tênis era (NB).

Saiu como se soubesse pra onde ia, onde ia chegar... perguntei por isso... e ele respondeu que já estavam conversados. Já, conversaram com todos... com todos que nós achamos, mas provavelmente não eram.

Preocupação não precisava... o taxista já o conhecia. Se não já sabe que é um dos que trabalha pra um de seus patrões, não?

Pra família deve ter contado em parte história que os daria esperança, vendeu pra ele o que eles gostariam de ouvir ou que sabiam...

Nos próximos dias, as conversas continuam... porque as coisas não ficaram resolvidas...

Converso com a minha Tia e ajo como agiram... como se tivesse procurando entender.

Eles agem como eu agia... sem medo. Como se tivesse tanto poder assim.

Tão esperando a hora que a Guerra começar mesmo pra poderem agir.

Tão confiando na governança. Ou então também estão cientes de que tem que jogar a sua parte desse capítulo, por qualquer que seja a história que venderam pra eles.

Na casa da minha mãe, me mostraram os remédios que o Tio toma, e todos eles continuam a parecer piadas. E como se fosse ainda a coisa da escolha... Meu irmão, pedi desculpa.

Expliquei como tenho agido como o cachorro de roça, e lhe contei pouco dos detalhes que aprendi sobre a guerra. Detalhes, clues, coisas que deixei nesse relato. E por mais perda que senti, e por tudo que procurei que poderia fazer já que estou de volta e estou sem rumo, é que o rumo já tinha sido decidido.

Que os relatos e os detalhes do seriado já tinham sido passado. Sabem, mas não podem falar. Falam, mas falam sem querer falar. Ou eu que estou doida mesma e escuto por entre linhas que talvez explicam aquilo que de mim tiraram.

Entre os sonhos que tive, vi faces de gente que não me pareciam ser do bem, como me vestiram e fizeram de mim piada, e como fui talvez muito provavelmente extremamente abusada – e a verdade é que aqui ainda é espaço só pra dar um tempo.

Suas opções ainda estão abertas, o torneio ainda está aberto, ou talvez não...

A mãe... falou de coisa como se tivesse conversando de coisa que eu não sabia. O padrasto também. Por quando lutaram e por vezes que tentaram falar de algo pensando que conversava com a voz da justiça – descobrem como eu já tinha descoberto que a justiça – os advogados, os assistentes sociais, as pessoas por quem eles pensaram poder pedir ajuda – eram na verdade contratados por eles.

Por agora, se sentão calados, pois suas palavras devem ser medidas.